

O homem moderno deixou de acreditar na ressurreição.

Na esteira do *Iluminismo*, ele considera verdadeiro somente o que pode provar. Por isso não sabe que sentido dar ao túmulo vazio e à vitória de Cristo sobre a morte, no terceiro dia do Calvário. Aquilo que os Evangelhos relacionam com o mistério do final de Jesus, para ele, parece impossível, inventado, pior ainda, ridículo.



S/legenda. OSWALDO GUAYASAMÍN (1919-1999). Pintor e escultor equatoriano.

Ressurreição

Num contexto em que valem, apenas, os atos de fé à ciência, aqueles que acreditam - e não estamos aqui a falar da grande maioria que segue um cristianismo-religião civil (muitos assumem o ditado de Benedetto Croce que afirma: "não podemos deixar de nos chamar cristãos") - estão perante uma encruzilhada: continuar a acreditar na vida eterna, a do Nazareno e, conseqüentemente, a nossa, da maneira como ela tem vindo a ser transmitida há *saecula saeculorum*, confinando-se às margens da modernidade, ou então, adaptar-se ao sentimento comum, e repudiar a ressurreição, recusando-se, assim, a crer, como adverte Paulo em 1 Cor. 15-14: ("Se, porém, Cristo não ressuscitou, vazio é o nosso anúncio e vazia é também a vossa fé")?

Para que lado virar-nos? Para a conservação ou a para a renúncia?

O teólogo Roger Lenaers foge a este dilema, e propõe uma terceira via para os cristãos do novo milénio. Há muitos anos empenhado na tentativa de conjugar cristianismo e modernidade, o jesuíta belga, acaba de publicar um livro, *Gesù di Nazareth. Uomo come noi? (Jesus de Nazaré. Homem como nós?*, da editora Gabrieli), que levanta a possibilidade de "emancipar a noção de ressurreição do revestimento mitológico que a envolve". Um caminho, o de desmitificar a Bíblia, que não é novo (o precursor foi o exegeta alemão Rudolf Karl Bultmann, mas que, garante o padre Lenaers, evita a colisão entre o dogma da fé e as respostas da ciência moderna.

Na prática, para o teólogo, "a noção de ressurreição surgiu numa cultura pré-moderna: é uma tentativa culturalmente determinada de definir experiências que, à época, não era possível explicar de forma diferente e melhor".

Na altura, porque, hoje, as mesmas situações podem ser "expressas de forma diferente e melhor, e isso, além de ser possível, é irrenunciável." Mas para levar isso a efeito, é preciso abandonar as certezas dadas por uma linguagem hiperbólica, adotada pelos evangelistas para descrever algo tão inimaginável como o retorno à

vida de Jesus. "É muito fácil e, portanto, pouco plausível - adverte o padre Lenaers – pensar numa ressurreição corporal". O que aconteceu com Cristo foi antes "uma fusão com o mistério original que é Deus", realizada não após três dias, mas no Gólgota, no exato momento do sacrifício na cruz. É naquele instante que o Filho do homem adquire a sua glorificação, explica o teólogo, apoiando-se no Evangelho de João, o único dos quatro que "rompe, por um instante, com a lógica mitológica".

Morte e ressurreição, por conseguinte, deixam, assim, de ser duas etapas distintas. Elas coincidem. E podemos ver Jesus vivo (ressuscitado), da mesma forma que os discípulos de Emaús aos quais, no caminho de regresso a casa, o desconhecido abre os olhos. "Propicia-lhes um olhar interior - explica o jesuíta – uma experiência de significado e plenitude, na qual participam crendo em Jesus como naquele que vive. Das cinzas frias não nascem faíscas, e de uma morte não surge vida".

Chegamos, assim, a outro fundamento da fé: a ressurreição dos mortos, ou, como se dizia antigamente, da carne. "Os milhares de milhões de seres humanos que se foram sucedendo na história do mundo – questiona-se o padre Lenaers - e que agora se tornaram pó (ou até menos), deverão todos eles ressuscitar, sãos e salvos, em carne e osso, despertados do sono da morte pelas trombetas do Dia do Juízo?". Assim o entendia o dogma da igreja pré-moderna. Mas, hoje, será que poderá, também, ser feita uma releitura deste paradigma? O jesuíta aceita o desafio: "Cada um de nós 'ressuscitará', mais ou menos plenamente, conforme as possibilidades que teve a semente divina de se desenvolver na profundidade do nosso ser. E nós não ressuscitaremos no Dia do Juízo, mas no momento da morte. Como Jesus". Verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Igual a nós, também na ressurreição.

O artigo é de JOHN BAKER, publicado por *Pacem in Terris*, 18-02-2018.

In *Padre Lenaers, o jesuíta que reescreve a ressurreição*

Ressurreição, o desafio do padre Lenaers

"Consequentemente, todos os eventos narrados no Novo Testamento, após a morte de Jesus, são lidos como narrativas mitológicas, não para negar o seu valor, mas para retirar deles um novo significado".

A opinião é do teólogo italiano CARLO MOLARI, presbítero e ex-professor das universidades Urbaniana e Gregoriana de Roma, em artigo publicado na revista *Rocca* n. 6, 15-03-2018.

A próxima solenidade da Páscoa exige o cumprimento da reflexão iniciada na última edição e terminada com o ato de fé do jesuíta flamengo Roger Lenaers (Ostend, 1925) que, "inclusive, em nome de todos os cristãos", retoma as palavras do apóstolo Pedro: "para junto de quem nos iremos embora? Tens palavras da vida eterna" (Jo 6, 68).

É esta a conclusão do seu livro *Gesù di Nazaret. Uomo come noi? (Jesus de Nazaré. Homem como nós?* Em tradução livre, Ed. Gabrielli, San Pietro in Cariano, Verona 2017 p.140).

Também, na entrevista concedida a Claudia Fanti, em *MicroMega*, (8/2017 pp. 141-154), onde Lenaers se detém mais sobre a imagem de Deus, ele dedica algumas linhas "à mais importante das fórmulas, a relativa à ressurreição de Jesus" (p. 145). Como o teólogo afirma, esta "tornou-se inacessível ao homem e mulher modernos" (ibid.). A razão apontada por ele para uma declaração tão radical, é o facto de "a ressurreição ser um conceito judaico antigo, adotado pelos cristãos para significar que Jesus não havia sido derrotado pela morte, mas tinha entrado na plenitude da vida, e que, portanto, Deus era um Deus da vida" (ibid.).

Ele próprio faz a pergunta: "Por que razão tal conceito deveria ser superado?" e sugere a resposta: "Porque supõe que a morte é igual a um sono, do qual o ser humano, pelo menos o merecedor, há de sair, quando Deus o despertar" (ibid.).

No entanto, Lenaers esclarece que, para o homem e para a mulher modernos, "a morte não é um sono do qual saímos renovados, mas sim a completa demolição do organismo, a começar pelo cérebro, de modo que nada mais será possível, nem consciência, nem atividades, nem movimentos. O cérebro é constituído por cem mil milhões de neurónios, conectados por um número incontável de sinapses. Ressuscitar implicaria que tudo isto poderia ser reparado e retornar à condição em que estava antes da morte" (ibid. p. 146). Finalmente, conclui com toda a clareza: "Assim, para o homem e a mulher modernos a expressão 'ressuscitado' já não tem qualquer significado. É melhor, portanto, abandonar esta fórmula, porque o corpo de Jesus não voltou à vida, e porque tal fórmula nada nos diz sobre a intuição ali contida. É preciso encontrar uma fórmula que a exprima melhor. A Bíblia propõe-nos fórmulas como 'subiu ao céu', 'está sentado à direita do Pai', 'glorificado'. E todas as histórias das aparições de Jesus após a sua 'ressurreição' pertencem às 'fórmulas' do passado. Tais fórmulas, no entanto, querem exprimir a experiência de um Jesus vivo e criativo. Negar a sua historicidade, não significa negar a intuição que elas contêm"(ibid.).

A exposição mais completa e pormenorizada do seu livro *Jesus de Nazaré. Homem como nós?*, é apresentada no cap. 6 'Ressuscitado ao terceiro dia', que merece uma breve análise. Também aqui, o critério básico é indicado, desde a introdução, pelas aquisições da modernidade. "Hoje, em especial, já se tornou indispensável libertar Jesus do casulo mitológico em que a Igreja, no passado, amorosamente o envolveu. E porquê hoje? Porque até ao advento da modernidade não havia a menor necessidade de o fazer. Todo o pensamento pré-moderno estava impregnado por ideias mitológicas. Num contexto desses, a pessoa de Jesus só poderia beneficiar de uma posição de destaque. Mas, no quadro da cultura moderna, a mensagem sobre Jesus e sobre o significado da libertação e renovação que traz para a humanidade, já não encontra qualquer apoio, quando expressa sob a forma pré-moderna. Tornou-se incompreensível, e a principal razão para tal é a modernidade ter, finalmente, deixado para trás todo aquele pensamento mitológico" (ibid, pp. 22-23).

Amor e gratuidade

Consequentemente todos os eventos narrados no Novo Testamento, após a morte de Jesus, são lidos como narrativas mitológicas não para negar o seu valor, mas para retirar deles um novo significado.

Lenaers resume isso desta forma: "O fato do túmulo, no terceiro dia, ter sido encontrado vazio, significa que o mundo inferior não conseguiu reter Jesus, que provou ser mais forte do que a morte e o sepulcro. Ele está vivo, apesar da morte. Para Marcos, esta afirmação positiva é a essência da sua mensagem. Mas é uma mensagem que não pode ser entendida num sentido biológico. Mesmo quando nos referimos ao 'Deus vivo', estamos a falar em sentido 'abiológico'"(ibid, p. 122).

A plenitude da vida atingida por Jesus, não é uma consequência da sua morte sangrenta, mas da opção de comunicar ao seu povo, mesmo à custa da própria vida, a boa nova de que Deus é amor. Foi, portanto, o seu amor pelos seres humanos que lhe deu cumprimento e o fez viver na plenitude.

Não se tornou um só com o amor original, graças à crueldade dos seus inimigos, à morte em si e por si, pois, nesse caso, seriam os seus carrascos os nossos salvadores; tornou-se assim, exclusivamente, graças à sua gratuidade [...] Fez isso baseando-se, apenas, na quantidade de amor que reservou para os seres humanos. Doutra forma, cada assassino forneceria ao assassinado um serviço incalculável..." (ibid, p. 123).

Uma vez apurado o fundamento da ação salvífica de Jesus, que reside, precisamente, na gratuidade do seu amor, Lenaers deixa de ter qualquer dificuldade em interpretar como mitológicas as diferentes narrativas sobre o túmulo vazio de Jesus, e as suas inúmeras aparições dificilmente compatíveis entre si: "se o túmulo vazio é mitologia, então, necessariamente, também o são as histórias das aparições [...] Não passam de histórias, de criações de um autor inspirado, não são crónicas" (ibid.).

O mesmo se aplica, também, à nossa jornada de crentes no Cristo ressuscitado: "Em que se alicerça a nossa fé na ressurreição? No facto de 'vermos' a Jesus vivo. Um 'ver', que é o fruto da pregação. A narrativa dos dois discípulos de Emaús, pode ser lida como uma parábola de tal processo. O estrangeiro que transmite aos dois discípulos a feliz certeza de que o Jesus vivo é aquele que prega a fé. O que faz com que surja, dentro deles, uma visão interior, uma experiência de significado e plenitude, na qual participam, acreditando em Jesus como aquele que vive. Das cinzas frias não surgem faíscas, e de um morto não surge vida. Não existem argumentos que expliquem essa experiência de vida e plenitude" (p. 125). "Se assumirmos que a Igreja tenha surgido a partir do encontro de fé com Jesus vivo, e que ela tenha tornado visível, de muitas formas, a sua pessoa através dos séculos, [...], não é exagerado afirmar que ele continua a

oferecer desta pessoa uma interpretação mais adequada, em relação a quem não acredita nele "(ibid.).

É altura de Lenaers revelar o interlocutor oculto das suas reflexões, e recordar que "o desejo de escrever este livro" (*Jesus von Nazareth. Ein Mensch wie wir?*) foi o estudo de Reza Aslan, *Zealot: The Life and Times of Jesus of Nazareth*, de 2013. Lenaers deparou-se com um jovem estudioso, que seguia as suas mesmas veredas, mas com uma sensibilidade bem diferente. A tal ponto que recorre ao próprio Reza Aslan para mostrar a insuficiência das suas conclusões, embora unidos quanto ao núcleo da proposta.

"Baseia-se no fato histórico, inexplicável para ele (e não, apenas, para ele), de um número crescente de pessoas, apesar das dificuldades e das perseguições, vislumbrar um sentido no facto de acreditar, de alma e coração, nesse messias fracassado. Essas pessoas reconheceram nele, evidentemente, não um curador ou reformador político, mas uma pessoa em cuja vida e em cujas palavras nos podemos aperceber intensamente da presença de Deus, a ponto de confiarem na sua mensagem, e fazerem do seu pensamento e da sua ação a norma do próprio pensamento e da própria ação. Eis por que Jesus é a única pessoa histórica que, após a morte, se tornou objeto de um culto religioso que não foi um simples fogo fátuo [...] O próprio Aslan reconhece que "a razão lógica e óbvia para levar a sério as experiências de fé na ressurreição dos seus discípulos, é o facto de Jesus ser o único, entre tantos messias vindos antes e depois dele, que continua a ser chamado Messias". Mas "levar a sério essas experiências significa reconhecer [...] que o Jesus executado sob Pôncio Pilatos está vivo; mais ainda: exala vida, atrai os seres humanos e vincula-os a si, incentivando-os a uma humanização cada vez mais perfeita [...] Afirmar que Jesus vive, deixou de fazer parte de uma linguagem biológica, para passar a ser uma linguagem de fé, baseada na experiência, uma linguagem que tenta explicar o facto de ele se ter fundido numa única essência com o fundamento original de toda vida, uma união que o torna partícipe da eternidade de Deus" (pp. 131-132).

No que diz respeito à cristologia, Lenaers mantém-se no âmbito da doutrina da fé. A sua posição cristológica é muito discutível, mas não pode ser condenada, porque admite a suficiente superioridade ou transcendência, pela qual pode concluir com as palavras com que Pedro declara: "Tens palavras da vida eterna".

Resta esclarecer a sua doutrina trinitária.



Oração a pedir o bom humor

Dai-me, Senhor, uma boa digestão,
mas também qualquer coisa para digerir.
Concede-me a saúde do corpo e o necessário
bom humor para mantê-la.

Dai-me, Senhor, uma alma simples,
que saiba aproveitar tudo o que é bom
e não se assuste demasiado perante o mal,
mas encontre maneira de recolocar
as coisas no lugar devido.

Dai-me uma alma que não que refém do tédio
nem de resmungos, impaciências ou lamentações,
e não permitais que me atormente
para lá do razoável
com essa coisa turbulenta chamada “eu”.

Dai-me, Senhor, um sentido de humor apurado
e a capacidade de receber o que aí vem a sorrir
vivendo o que me cabe com alegria
e partilhando-a sem custos acrescidos
com os outros. Ámen.

*Oração escrita por São Tomás More (1478-1535)
e rezada diariamente pelo Papa Francisco*